## Educação Integral

Prof. Dr. Sílvio Gallo Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas

Este workshop no Congresso de Educação Básica – Aprendizagem em Contexto (Florianópolis, fevereiro de 2011) tem por objetivo problematizar um tema cada vez mais presente no debate nos meios educacionais brasileiros: o da educação integral. O que significa falar em "educação integral"? A que nos referimos? À defesa de uma escola em tempo integral? A uma formação integral do ser humano? Aos dois aspectos a um só tempo? Em um ou em outro caso – e mesmo nos dois – fará sentido falar em educação integral no século XXI, frente ao descentramento do sujeito moderno e à crise da escola como instituição moderna?

Para o enfrentamento destas questões, recorrer-se-á a algumas experiências históricas de educação integral nos séculos XIX e XX, como aquelas desenvolvidas no âmbito do socialismo e do movimento operário, aquelas animadas por uma concepção cristã católica, aquelas presentes no escolanovismo e no integralismo brasileiros e a dos CIEPs do governo Brizola no Rio de Janeiro na década de 1980, idealizadas por Darci Ribeiro. Em razão de seu pioneirismo e aprofundamento conceitual, será dada especial atenção ao desenvolvimento da educação na perspectiva socialista, especialmente aquela desenvolvida pelo pedagogo e militante anarquista francês Paul Robin (1817-1912). Durante 14 anos (1880 a 1914) Robin dirigiu o Orfanato Prévost, na cidade francesa de Cempuis, e ali teve a oportunidade de colocar em prática as ideias correntes no movimento socialista em torno de uma educação integral. Mais do que colocá-las em prática, Robin pôde lapidar os conceitos, pensando-os a partir da prática cotidiana.

Na experiência pedagógica de Robin, que foi depois retomada pelo também francês Sébastien Faure na comunidade-escola de *La Ruche* (*A Colméia*, 1904-1917) e pelo catalão Francesc Ferrer i Guàrdia na *Escuela Moderna* de Barcelona (1901-1905), as ideias e práticas de uma educação integral foram trabalhadas em torno de três aspectos centrais. Uma educação do intelecto, voltada para a curiosidade da criança, com profunda influência do método científico e a importância da pesquisa e do estudo metódico para a produção coletiva do conhecimento. Uma educação do corpo, envolvendo, por sua vez, ao menos três aspectos: o refinamento sensório-motor de crianças e jovens; uma educação física, pautada em atividades esportivas e recreativas, voltadas mais para os jogos solidários e menos para os competitivos; uma educação profissional, abarcando os principais ramos de atividade comuns na época, através do aprendizado em oficinas montadas na própria escola. Por fim, a educação integral era completada por aquilo que Robin denominou "educação moral", através da qual tratavase de promover um aprendizado da vida em comunidade, em torno de conjunto de valores coletivamente construídos, comprometidos com a liberdade e a solidariedade.<sup>1</sup>

Apesar das ideias por demais interessantes desta educação integral forjada no seio do movimento operário, como crítica da exploração capitalista e busca de uma forma de viver mais humana e mais solidária, estes valores e estas práticas, construídos no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, não podem ser simplesmente transplantados para nossa época.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Para um aprofundamento nestas experiências, ver GALLO, Sílvio. *Pedagogia do Risco – experiências anarquistas em educação*. Campinas: Ed. Papirus, 1995.

Nos dias de hoje, já não se compreende o ser humano como uma unidade sólida e indissolúvel. As noções modernas de sujeito e de indivíduo foram postas em xeque e desconstruídas, a filosofia contemporânea apostando mais fortemente na diferença do que na identidade. Qual o sentido de se falar, neste contexto, em uma "formação integral"?

Em nossos dias, com a crise da instituição escolar em sua configuração moderna (por exemplo, como uma instituição de seqüestro e confinamento, como denominou Foucault em *Vigiar e Punir*, ou mesmo como denunciou o já citado Paul Robin ainda no século XIX: "a ciência da educação oficial não encontra nada melhor para fazer com os jovens adolescentes do que encerrá-los: os privilegiados no colégio, os vulgares na oficina, os párias na prisão") está em crise. Ela já não dá conta – como o fez, nos últimos séculos – de funcionar no disciplinamento e no controle de crianças e jovens, ao tempo em que os educa. É preciso e é urgente inventar uma nova escola, ou reinventar a escola.

Nesta reinvenção, também a educação integral precisa ser ressignificada. Um caminho possível é o de tomar o ser humano não mais como unidade, mas como multiplicidade em constante transformação. Educar integralmente já não significa educar o indivíduo em sua inteireza, em sua integralidade, mas proporcionar um processo educativo singularizante, no qual cada estudante possa viver seus próprios encontros e produzir seus aprendizados, em relação solidária com seus colegas e com os educadores. Uma educação integral que poderia ser compreendida como uma "pedagogia rizomática", a qual uma multiplicidade de fatores e processos é colocada a disposição do estudante, de modo a que ele aprenda a fazer suas escolhas, produzir suas conexões, construir seu processo de aprendizagem em meio ao múltiplo e ao diverso.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Para uma compreensão do conceito de rizoma, criado pelos filósofos contemporâneos Gilles Deleuze e Félix Guattari, bem como algumas possibilidades de suas relações com a educação, ver GALLO, Sílvio. *Deleuze & a Educação*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008.